

Encontro



de 11 a 12 de Maio 2019

Arte & Património

Livro de Resumos

ENCONTRO

ARTE e PATRIMÓNIO

2019

S. JORGE

11 e 12 de maio de 2019

ORGANIZAÇÃO

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge Lda

Ouvidoria de S. Jorge

Edição

ACROARTE – Conservação e Restauro
Luís Henriques • Cantvm Mensvrable

Organização

ACROARTE – Conservação e Restauro
Ouvidoria de São Jorge

Comissão executiva

David Silva | Odília Teixeira | Luís Henriques

Júri do concurso de pintura *À Descoberta da Arte*

Pieter Adriaans | José Pedro Almeida | António Pedroso

ISBN 978-989-20-9416-8

Apoio/Colaboração



O Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge (ACROARTE) foi fundado no ano 2000 por Odília Teixeira e David Silva e tem vindo a realizar diversos trabalhos de conservação e restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica, mobiliário, marcações de segurança e inventários. Tem sido um dos principais objetivos desta empresa a salvaguarda do património histórico e artístico do arquipélago dos Açores, tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e história das obras de arte. No âmbito desse trabalho, temos vindo a constatar a necessidade, para além de intervir tecnicamente, também criar momentos de reflexão sobre os vários tipos de intervenções de conservação e restauro e as consequentes problemáticas associadas, nomeadamente as questões em torno da História da Arte e do Património artístico em geral e aquelas referentes ao arquipélago dos Açores.

Com este intuito, iniciou-se em 2016 o Encontro “Arte & Património”, tendo como parceira nesta iniciativa a Ouvidoria de S. Jorge, como experiência no sentido de sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património nos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área. Em 2017 começou a seguir-se uma estrutura que englobasse, para além da conservação e restauro, também o seu enquadramento nas grandes questões e linhas de investigação da História da Arte. Pretendeu-se ainda estender o evento à comunidade local, promovendo manifestações artísticas, nomeadamente um concerto com músicos conceituados do panorama musical português e interações entre os investigadores e o público, como foi o caso de uma visita guiada às igrejas setecentistas da ilha.

Na edição de 2018 continuou-se este modelo e para a presente edição de 2019 apresentamos um programa com um momento de comunicações, um concerto e, pela primeira vez, lançou-se o concurso de pintura *À Descoberta da Arte*, direcionado aos jovens artistas

açorianos, de forma a incentivar o seu gosto e atenção pelo património artístico que nos rodeia.

Este Encontro tem sido realizado em estreita parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do seu Ouvidor Eclesiástico, P.^e Manuel António Matas dos Santos. A organização deseja ainda agradecer a todas as pessoas e instituições envolvidas, assim como aos investigadores e músicos que acederam partilhar o seu trabalho neste momento, cuja colaboração e apoio tornaram possível pelo quarto ano consecutivo.

A organização

ENCONTRO “ARTE & PATRIMÓNIO” 2019

11 DE MAIO

Solar da Família Teixeira, Terreiros – 14h30

Conferências

(moderação de Luís Henriques)

Abertura

Sessão I

Mónica Gonçalves: *Estudo e Intervenção de Conservação e Restauro no Teto da Capela-mor da Igreja de Sta. Bárbara – Manadas*

Eugénia Silva: *Aspetos técnicos e conservação e restauro na pintura de Domingos Rebelo – Alguns exemplos*

Leonor Sá: *Segurança dos Museus contra Furto, Roubo, Fogo e Inundação*

Pausa para café

Sessão II

Filipe Pinheiro de Campos: *A simbologia tumular oitocentista na ilha de São Jorge*

Tiago Simões da Silva: *A Igreja de São Francisco da Horta: propostas para um projeto de recuperação*

Sílvia Ferreira: *Ecos da talha barroca de Lisboa no espaço ultramarino. Novas abordagens e desafios à luz dos estudos de Robert Chester Smith*

Artur Goulart de Melo Borges: *As obras nas igrejas paroquiais de São Jorge entre 1667 e 1782*

Encerramento

Abertura da exposição de Pintura *À Descoberta da Arte*

Pieter Adriaans

12 DE MAIO

Igreja Matriz de Santa Catarina, Calheta, 21h00

Recital de Órgão por José Carlos Araújo

Estudo e Intervenção de Conservação e Restauro no Teto da Capela-mor da Igreja de Sta. Bárbara – Manadas

MÓNICA GONÇALVES

(Conservadora Restauradora – Colaboradora do ACROARTE)

A última intervenção de conservação e restauro realizada na Igreja de Santa Bárbara das Manadas realizou-se entre 2016 e 2018. Estiveram envolvidas duas empresas, sendo o ACROARTE a empresa subempreiteira responsável pelos trabalhos de conservação e restauro. A intervenção englobou o teto da nave, o teto da capela-mor, todo o retábulo-mor e o armário da sacristia.

A Conservação e Restauro não se limita à intervenção prática e direta sobre as obras de arte. Todos os aspetos que envolvem a obra devem ser considerados, realizando um estudo prévio e exaustivo sobre a sua contextualização histórico-artística, materialidade, técnica, o seu estado de conservação e potenciais causas, vontade do proprietário em simultâneo com a vontade da comunidade, a sua classificação, a sua autenticidade/originalidade e qualidade. Todos estes aspetos tiveram de ser considerados, não só antes, como também durante toda a intervenção por parte do ACROARTE na Igreja de Santa Bárbara.

De todo o trabalho realizado, o teto da capela-mor levantou as maiores questões ao nível da conservação e restauro, sendo composto por duas obras artísticas de diferentes épocas, materiais e técnicas. Neste contexto, refere-se todo o apainelado (pintura sobre madeira) que reveste o teto desta capela, emoldurado com elementos em madeira entalhada pintada e dourada. A desmontagem do teto apainelado colocou à vista o segundo teto, de alfarge, de estilo Mudéjar, uma estrutura em madeira com dois caixotões, que remonta à primitiva construção da Igreja de Santa Bárbara datada do século XVI.

A presente comunicação pretende expor, não só a componente prática realizada no teto da capela-mor, onde apenas o resultado estético final é visível, mas expor também as questões que se levantaram antes e durante uma intervenção de conservação e restauro consciente e as

respetivas soluções que, da melhor forma, contribuíram para a preservação deste património artístico e religioso.

Aspetos técnicos e conservação e restauro na pintura de Domingos Rebelo – Alguns exemplos

EUGÉNIA SILVA

(Direção Regional da Cultura)

A obra pictórica de Domingos Rebelo (1891-1975), com génese no arquipélago, encontra-se representada em diversas coleções públicas e privadas, no país e fora dele.

As condicionantes económicas e geográficas do pintor (no período açoriano) levaram a que tenha tentado fazer mais com menos, poupando no ligante e na quantidade de camada cromática.

O estado de conservação das pinturas produzidas nesse período reflete, para além da ação humana e ambiente, os aspetos técnicos e materiais. Neste trabalho, apresentamos alguns casos de pinturas de coleções públicas da Região que foram objeto de estudo e tratamento de conservação e restauro no antigo Centro de Estudo, Conservação e Restauro dos Açores e na atual Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico da Direção Regional da Cultura.

Desse estudo e tratamento, divulgamos algumas soluções encontradas para patologias específicas nestas pinturas da primeira metade do século XX.

Eugénia Silva, natural de Sobral de São Miguel, Concelho de Covilhã, frequentou o ensino secundário na Escola António Arroio, área de arte, seguido de formação em conservação e restauro, pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, de 1985 a 1989. Tem desenvolvido atividade profissional na Região Autónoma dos Açores, no antigo CECRA e na Divisão do Património Móvel, Imaterial e Arqueológico da Direção Regional da Cultura, tendo trabalhado inicialmente no Instituto Rainha Dona Leonor, em Lisboa.

Segurança dos Museus contra Furto, Roubo, Fogo e Inundação

LEONOR SÁ

(Museu de Polícia Judiciária)

A comunicação desenvolver-se-á a partir dos seguintes tópicos:

– Abordagem global da Segurança dos Museus, com 2 níveis:

1. **Nível técnico** – Dispositivos mecânicos e electrónicos de segurança, barreiras físicas, alarmes, circuitos internos de TV, etc.
2. **Nível organizacional:**
 - a. Inventário das coleções:
 - b. Divisão do museu em sectores diferenciados em termos de acessibilidade e segurança (acesso público, condicionado, interdito).
 - c. Formação e motivação dos funcionários
 - d. Planos de Segurança e exercícios de emergência (evacuação de pessoas e obras; manuseamento de extintores; comunicações com polícia e bombeiros, etc).

Doutorada em Estudos de Cultura pela Universidade Católica de Lisboa, Mestre pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pós-graduada pela Universidade Lusófona (Estágio no Centre International de Formation Écomuseologique, Québec) e licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Leonor Sá é Conservadora Responsável do ‘Museu de Polícia Judiciária’ e Investigadora do ‘Instituto de História Contemporânea’ da Universidade Nova de Lisboa e do ‘Centro de Comunicação e Cultura’ da Universidade Católica de Lisboa. Mentora e Coordenadora dos Projetos ‘SOS Azulejo’ (Grande Prémio da União Europeia para o Património Cultural/EUROPA NOSTRA 2013) e ‘Igreja Segura-Igreja Aberta’ (Prémio APOM 2007) e vogal da Direção da Associação Portuguesa de Museologia desde 2001, Leonor Sá foi galardoada com o Prémio BPI/Lisbon Consortium-UCP pela sua tese de doutoramento intitulada *Infâmia e fama: o mistério dos primeiros retratos fotográficos judiciais em Portugal 1869-1895*, publicada pelas ‘Edições 70’ em 2018, obra que lhe mereceu também uma Menção Honrosa do ‘Grémio Literário’

em 2019. Publicou mais de três dezenas de artigos e coordenou várias outras publicações.

A simbologia tumular oitocentista na ilha de São Jorge

FILIPE PINHEIRO DE CAMPOS

Os cemitérios portugueses têm sido cada vez mais foco de uma atenção redobrada. Estudos de diferente índole, abarcando diferentes áreas do saber, têm procurado promover um olhar diferente sobre espaços sagrados em que a passagem da vida terrena para a vida eterna se consubstancia também na arquitetura e lapidária tumular que teve o seu expoente máximo a partir de meados do século XIX.

Os cemitérios do período Romântico e tardo Romântico são profusos em exemplos de boa arquitetura e de apurado sentido estático e simbólico. É neste campo – da simbologia – que se procura muitas das vezes indiciar qualidades de entes queridos, as suas atividades profissionais e os seus atributos, o seu estatuto social ou económico ou os augúrios para uma vida futura. Essa simbologia é particularmente refletida por elementos da flora e fauna, de objetos do quotidiano, de entidades divinas ou de inspiração mitológica e de símbolos associados a diferentes atributos.

Na ilha de São Jorge subsistem ainda diversos exemplos dessa simbologia tumular, em particular nos cemitérios de Velas e Calheta e no período correspondente ao último quartel de oitocentos, o que não é de estranhar por serem freguesias mais populosas que conferem uma grande diversidade social e económica às suas populações. De entre os diferentes exemplos que subsistem, os elementos vegetalistas e sagrados são claramente os mais numerosos se bem que pontualmente surjam outros que em particular refletem características pessoais e virtudes individuais.

Filipe Pinheiro de Campos (1966). Licenciado em Ciências da Nutrição (U. do Porto). Mestre em Administração Escolar (U. Portucalense). Pós-graduado em Sistemas de Gestão de Qualidade (U. de León, Espanha). Graduado no programa de Doutoramento em Saúde Pública e Medicina Preventiva (U. de Salamanca, Espanha). Técnico Superior de Saúde na A.R.S. do Norte (1991 a 1996). Professor Universitário com a categoria de Professor Auxiliar. Professor do Ensino Básico e Secundário. Professor Convidado nas Universidades de Bratislava (Eslováquia), Sófia (Bulgária), Bucareste e Iasi (Roménia), Mogilev (Bielorrússia), Augsburg (Alemanha), entre outras. Formador nas áreas da Pedagogia, Administração Escolar, Saúde Laboral, Higiene e Segurança no Trabalho, Genealogia e outras tendo sido responsável por diversos cursos de Introdução à Genealogia e Heráldica. Autor de diversas publicações e artigos científicos nas áreas da Antropometria, Ergonomia, Saúde Laboral, Pedagogia e Educação. Coautor da *Enciclopédia de Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho* (Verlag-Dashoffer). Nas áreas da Genealogia e da História da Família conta com diversos artigos publicados na Revista de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, na Revista Atlântida (Instituto Açoriano de Cultura), na Revista do CEPIHS (Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social de Trás-os-Montes e Alto Douro, U. do Minho), na Revista *Brigantia* – Revista de Cultura (Arquivo Distrital de Bragança e Assembleia Municipal de Bragança), entre outras. De sua autoria contam-se as obras “*Os Teixeira de Bragança*” (Câmara Municipal de Bragança, 2005); “*Uma Família de Cristãos Novos de Bragança: Cinco Séculos de História*” (PUBLIX, 2010), “*Clero da Ouvidoria da Povoação*” (2014), “*O Externato Maria Isabel do Carmo Medeiros na Povoação*” (Fundação Maria Isabel do Carmo Medeiros, 2015) “*Judeus – Os Navarros de Lagoaça*” (2019). Tem em preparação uma obra sobre famílias da ilha de São Jorge (Açores) e outra dedicada a famílias de Cristãos-Novos de Bragança, Vinhais e Chaves. Colaborou na organização das exposições “*Percursos de Seda*” e “*Memórias de Linho*”, organizadas pelo Arquivo Distrital de Bragança nomeadamente com a catalogação e cedência de diversas peças e da exposição “*Novas de São Jorge*” (Museu Francisco de Lacerda – Calheta/DRAC).

A Igreja de São Francisco da Horta: propostas para um projeto de recuperação

TIAGO SIMÕES DA SILVA
(CHAM Centro de Humanidades – NOVA FCSH/UAç)

A igreja do antigo convento de São Francisco da cidade da Horta encontra-se presentemente encerrada e a necessitar de uma obra profunda de recuperação.

É uma construção da viragem do século XVII para o XVIII, de arquitetura com características chãs e elementos interiores barrocos, com interessantes exemplares de talha, azulejo, pintura e mobiliário.

Com a extinção das ordens religiosas o antigo convento franciscano passou para a posse da Santa Casa, nele sendo instalado o hospital e, mais tarde, também o Asilo da Mendicidade, enquanto a igreja ocupou as funções da Misericórdia, então demolida. No final do século, em 1899, um grande incêndio destruiu a casa conventual, salvando-se a custo o templo. Desde então, o conjunto da igreja com a Capela dos Terceiros e algumas dependências anexas representa o único património franciscano sobrevivente na ilha do Faial, tendo sido, historicamente, a casa religiosa mais importante.

Ao longo do século XX o uso do espaço para fins religiosos, embora regular, foi diminuindo, aumentando o estado de degradação, que se agravou na sequência de várias crises sísmicas. Nas últimas décadas foi usada apenas pontualmente para concertos e outros eventos culturais, assim como espaço provisório do Museu de Arte Sacra e Etnografia Religiosa.

Há uma dúzia de anos fechou definitivamente, aguardando uma reabilitação cada vez mais urgente, a qual depende de se desenvolver um projeto integrado, não só para a sua reabilitação como para o seu uso futuro.

Esta comunicação pretende apresentar as potencialidades deste espaço e algumas das propostas atualmente em discussão para o seu projeto de reabilitação, que se encontra em desenvolvimento.

Tiago Simões da Silva nasceu na ilha do Faial (Açores). Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2014), com uma Pós-Graduação em História Moderna e dos Descobrimentos (2015). Atualmente é doutorando em História Moderna na mesma universidade. Desde

2015 é Investigador do CHAM – Centro de Humanidades (Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores). Desenvolve investigação relacionada sobretudo com História Moderna e História dos Açores e promove frequentemente atividades junto do público sobre História e Património, tendo com esse objetivo criado o projeto *Horta Histórica*. No âmbito do património anote-se a colaboração com o projeto *REVIVE*, sobre o antigo convento do Carmo na Horta, e o projeto em curso sobre a igreja de São Francisco na mesma cidade.

Ecoss da talha barroca de Lisboa no espaço ultramarino. Novas abordagens e desafios à luz dos estudos de Robert Chester Smith

SÍLVIA FERREIRA
(IHA/FCSH/UNL)

A arte da talha barroca produzida pela escola de Lisboa teve forte impacto e disseminação, não só no circuito mais estreito de influência da capital, como eram as suas áreas limítrofes, mas também no resto do território a sul do Mondego, no Alentejo e nas possessões ultramarinas de Portugal, à época. Entre estes destacamos o caso dos Açores como um dos polos de receção e divulgação de um gosto, que se mostrava atual e compaginado com as diretrizes da igreja católica pós concílio de Trento e com aquelas artísticas, dimanadas, principalmente, da cidade de Roma. A maior e mais operativa escola de entalhe e escultura em madeira do país sediava-se em Lisboa. Os clientes mais influentes e destacados do reino, com ênfase para os membros das ordens religiosas, da nobreza e das irmandades alimentavam com as suas encomendas um mercado, que floresceu entre o final da centúria de Seiscentos e inícios da de Setecentos. Os artistas entalhadores e escultores geriam verdadeiras “indústrias” com o auxílio dos seus oficiais e aprendizes, produzindo a sua arte para variadas cidades do centro e sul do país e para exportação. Nesta comunicação pretendemos abordar a forma como esta arte se consolidou no Portugal da época barroca, enfatizando o seu contexto histórico e artístico, destacando encomendadores e artistas. Outra

vertente essencial a ser abordada será aquela da historiografia de arte dedicada a este tema, com destaque para a ação do professor e historiador de arte norte-americano Robert Chester Smith. Os seus estudos pioneiros e basilares contribuíram de forma revolucionária para a difusão internacional desta arte. Ancorados no seu legado, importa hoje visitar e aprofundar os estudos e as possibilidades que a sua obra nos abre.

Sílvia Ferreira é Doutora em História na especialidade de Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras de Lisboa, com dissertação dedicada ao tema: *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os artistas e as obras* (2010). Foi investigadora de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/101835/2014) com projeto intitulado: *Presença, Memória e Diáspora: Destinos da arte da talha em Portugal entre o Liberalismo e a atualidade*. Atualmente é investigadora contratada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e docente na mesma instituição. É membro integrado do Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. Participa assiduamente em congressos, colóquios e outros encontros de carácter científico, promovidos no país e no estrangeiro, dos quais têm resultado vários artigos em revistas e capítulos de livros. Para além de outras publicações de sua autoria destacam-se as monografias: *A Talha. Esplendores de um passado ainda presente, (sécs. XVI-XIX)*, (coleção “A Arte nas Igrejas de Lisboa”), Lisboa, Nova Terra, 2008, *A igreja de Santa Catarina. A talha da capela-mor*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008 e *Artistas e artífices da Lisboa barroca. A irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de São Roque*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014 (em parceria com Maria João Pereira Coutinho).

As obras nas igrejas paroquiais de São Jorge entre 1667 e 1782

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

Durante o longo período de 1667 a 1782, a Fazenda Real através da Provedoria em Angra suportou as obras fundamentais nas igrejas paroquiais de São Jorge e outras ilhas dos Açores. Tais obras abrangiam

os espaços das capelas-mores, com os respetivos retábulos, sacristias, paramentos e alfaias essenciais para a liturgia, bem como os sinos necessários para o anúncio dos serviços religiosos à comunidade.

Todas as obras e encomendas eram objeto de arrematação na Alfândega de Angra e eram entregues a quem fizesse um preço mais baixo e consentâneo com as alterações e características exigidas. Os livros de registo dos respetivos contratos, que incluem as paróquias da Calheta, Manadas, Norte Grande, Ribeira Seca, Rosais, Santo Amaro, Topo, Urzelina (antiga matriz) e Velas, são um vasto repositório das intervenções patrimoniais das igrejas e dos numerosos profissionais (pedreiros, carpinteiros, entalhadores, pintores/douradores) que nelas intervieram e um precioso contributo para a história dos Açores.

Licenciado em Arqueologia Paleocristã, em Roma, Itália, com estudos de pós-graduação em Museologia e História da Arte. Curso Superior Livre de Estudos Árabes. Técnico superior do Museu de Évora de 1979 a 1999, exercendo o cargo de Diretor de 1992 a 1999. Nesse âmbito, trabalhos de inventariação, investigação, elaboração de pareceres na área da museologia e do acervo artístico do Museu de Évora. Organização de exposições, participação em congressos, seminários, com publicações sobre estudos árabes, património artístico e cultural. Vogal da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja da Arquidiocese de Évora e, desde Março de 2002, coordenador do Inventário do Património Artístico Móvel da Arquidiocese de Évora.

LUÍS HENRIQUES

(CESEM/Universidade de Évora)

Musicólogo açoriano, doutorando na Universidade de Évora, mestre em Ciências Musicais (NOVA FCSH) e licenciado em Música (UÉvora). É investigador em formação no CESEM e membro do MPMP. Catalogou o arquivo musical da Sé de Angra, bolseiro no projeto ORFEUS e investigador no projeto PASEV. Fundou e dirigiu o Ensemble da Sé de Angra e o Ensemble Eborensis, com concertos nas ilhas dos Açores, Continente português e França. Os seus interesses de investigação centram-se na polifonia portuguesa seiscentista, especialmente no Alentejo, e a música nos Açores do século XV ao final do XIX.

ACROARTE® – Conservação e Restauro

Fundado no ano 2000 por David Silva e Odília Teixeira, bacharel pelo Instituto Politécnico de Tomar, o Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge, Ld^a. (ACROARTE) tem vindo a realizar diversos trabalhos de Conservação e Restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica e mobiliário.

Temos como principal objetivo a salvaguarda do Património Histórico e Artístico, tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e histórica das obras de Arte. As intervenções realizadas são efetuadas com materiais inócuos às obras, assim como reversíveis e compatíveis com o original, restringindo-nos a uma intervenção mínima de restauro. As nossas instalações foram concebidas de raiz para a atividade de Conservação e Restauro. Assim sendo, todo o edifício foi pensado e construído com um só propósito, sendo possível tirar partido de muitas realidades, principalmente da luz natural. Em Dezembro de 2017 demos início à ampliação do edifício com novas instalações para sala de escultura e um armazém de apoio, para arrumo de andaimes e equipamento.

Desde 2011 tem uma nova valência que consiste em inventários e marcação se segurança em obras de arte através de chips, micro-etiquetas e marcação invisível. Este método é aplicável a mobiliário, pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, paramentaria, argentaria, marfim, bronze, livros antigos, pautas musicais, pergaminhos, armas, numismática e coleções diversas. Desenvolvemos este trabalho na Igreja do Convento de São Gonçalo de Angra do Heroísmo, ilha Terceira; Igreja de N^a. S^a. dos Milagres na ilha do Corvo, Igreja Matriz da Calheta, Igreja de São Mateus da Urzelina, na ilha de São Jorge e em coleções particulares.

Na área ambiental tentamos minimizar os impactos do desempenho da nossa atividade, com respeito pelo meio ambiente, procurando assim a preservação ambiental para as gerações futuras e contribuindo para a sustentabilidade do planeta. Neste sentido, a empresa tem organizado

ações de reflorestação no dia Mundial da Floresta, plantando cedros do mato (*Juniperus brevifolia*), planta endémica dos Açores utilizada na execução de retábulos e imagens de arte sacra. Em Dezembro de 2018 a empresa adquiriu um terreno com cerca de 6000 m², onde criou a Reserva Particular do património natural *Os Carreiros*, com o objetivo de devolver à natureza plantas endémicas dos Açores, criando uma floresta de laurisilva. Contamos com a colaboração dos Serviços Florestais de S. Jorge e do Pico e com o Jardim Botânico do Faial que nos cederam plantio.

A empresa implementou a recolha e separação de resíduos e sua classificação com os códigos LER através de ecopontos e entrega aos operadores autorizados para tratamento posterior.

Atualmente mantém duas equipas com conservadores restauradores, com uma equipa na ilha de São Miguel e outra na ilha de São Jorge, com outras obras em atelier, tais como uma pintura sobre tela, pertencente à Sé de Angra do Heroísmo.

O Atelier iniciou em 2016 o encontro “Arte & Património” com vista a sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património da Região Autónoma dos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área, de forma a promover boas práticas e metodologias adequadas à arte e património nos Açores. Este encontro tem sido realizado em parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do Ouvidor Eclesiástico da ilha, Pe. Manuel António Matas dos Santos.

SÃO JORGE E AS SUAS OUVIDORIAS

Procurei junto de testemunhas da época em que as ouvidorias de São Jorge foram unificadas e remeteram-me para o Boletim Eclesiástico dos Açores e, qual não é o meu espanto ao verificar que no ano de 1979, n.º 831, na pág. 262 consta a nomeação dos Ouvidores de São Jorge, nestes termos: o Ouvidor de Velas Pe. José Garcia Pedro; Ouvidor de Calheta Pe. Dr. António Rogério Gomes e Ouvidor do Topo Pe. José da Costa Leonardo. Não deixa de ser curioso, porque por Provisão de 4 de Junho 1878, o Bispo D. João Maria Pimentel extingue a Ouvidoria do Topo por constar de “uma única freguesia (...) sendo quase nenhum o serviço daquela repartição eclesiástica (...) fica incorporada à Ouvidoria da Vila da Calheta como dantes fazia”.

Põe-se a questão: como e quando surge novamente a Ouvidoria do Topo ou este será apenas um título honorífico atribuído ao Sr. Padre Leonardo. Não deixa de ser curioso que, no ano da unificação das ouvidorias de São Jorge, o nome do mesmo surja na lista de nomeações dos Ouvidores da Diocese que data de 19 de Março de 1981.

Em 10 de Junho de 1981, por Provisão de D. Aurélio Granada Escudeiro, na qual ainda menciona as três Ouvidorias dizendo:

Atendendo a que os distritos eclesiásticos da Ilha de S. Jorge, respetivamente Ouvidorias das Velas, Calheta e Topo já não correspondem ao conveniente ordenamento da Pastoral, e ao diminuto Clero da Ilha, atendendo a que o bem espiritual do Clero e fiéis e o bem público fica melhor assegurado com a existência de um único distrito Eclesiástico; atendendo ao que nesse sentido nos foi pedido pelo clero da Ilha – Havemos por bem suprimir as Ouvidorias de Velas e Topo e criar a Ouvidoria da Ilha de S. Jorge e tendo em consideração as circunstâncias, serviços e qualidades que distinguem o Reverendo Pe. Hermínio da Silveira Amorim (...) nomeado Ouvidor da nova Ouvidoria da Ilha de S. Jorge.

A Ouvidoria tem uma missão essencialmente pastoral. Os Sacerdotes que nela estão ao serviço devem formar uma verdadeira equipa para que a ação pastoral seja concertada e concordante.

A Ilha de S. Jorge tem tido este sentido de trabalho de conjunto que se tem notado nas diversas atividades pastorais da Ilha, como se verificou recentemente na Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e nas atividades com os Jovens em retiros e Dia Mundial da Juventude, ou com a catequese em ações de formação e encontros.

Pe. Manuel António

SOLAR DA FAMÍLIA TEIXEIRA

Terreiros

O Solar da Família Teixeira terá sido construído no início do século XIX, para a família Teixeira Soares de Sousa.

Na chaminé da casa está inscrita a data de 1810. Dois anos antes, acordara ali perto o vulcão da Urzelina, provocando grande perda de vidas humanas, gado, casas e terras de cultivo. E três anos antes, com a primeira invasão francesa e a ida da corte para o Brasil, iniciara-se uma ainda mais violenta erupção na história de Portugal, só finda em 1834 com a vitória dos liberais na Guerra Civil. Contudo, se os Açores foram atravessados pela guerra fratricida, na qual o miguelista Miguel Teixeira Soares de Sousa (1791-1831) perdeu a vida, o arquipélago escapou ao caos que se instalou no continente em 1807, mantendo-se sempre, sob a proteção da Inglaterra, sujeito à soberania portuguesa.

Apesar das mais ou menos distantes agitações naturais e políticas, os proprietários desta quinta de vinho afamado encontraram a confiança necessária para tomar a decisão de lhe acrescentar uma bela casa. Para

os Teixeira Soares de Sousa, uma das famílias da elite jorgense, os Terreiros eram uma alternativa esporádica, mas confortável ao seu solar da vila das Velas, servida pela melhor estrada da ilha, a que ligava a capital do concelho às Manadas. Esta estrada ainda hoje corta a quinta ao meio, a parte alta subindo serra acima, a parte baixa descendo até ao mar, as duas dotadas de bonitos portões pinaculados, reentrantes e afrontados. Um pouco mais abaixo na estrada, ao virar da curva, fica a ermida de Santa Rita de Cássia, fundada em Setecentos. Continuando em direção ao mar, vamos ter à belíssima igreja das Manadas.

Para o solar, cujo nascente confronta a estrada com duas varandas de sacada, entramos pelo portão da quinta de baixo, desenvolvendo-se o alçado principal à nossa direita ao longo de um pátio murado com vista folgada sobre o Pico, uma magnólia e um magnífico cedro junto a um chafariz. A casa, de harmoniosa implantação, é obra atribuída aos Avelares, dinastia de pedreiros responsável por algumas das mais notáveis empreitadas da ilha entre os séculos XVIII e XIX. O interior foi reconstruído depois do abalo de 1998, conservando ainda alguns elementos anteriores. O piso térreo é ocupado pelas lojas e pela entrada, as escadas de cantaria para o andar de cima terminando na janela de guilhotina que, ao meio de seis varandas de sacada, define o eixo central do alçado nobre, que vive todo da justeza de proporções e rigor de corte das negras cantarias. Contornando o solar pelo lado poente do pátio, passando pela casa do caseiro, damos com a maciça escada de pedra que sobe até ao balcão da cozinha, erguida sobre a ampla cisterna onde se recolhiam as águas do telhado. Contam-se ainda alguns curiosos anexos agrícolas em volta da casa, como o antigo lagar na parte de cima da quinta.

O chafariz do pátio, de 1893, foi certamente dos últimos melhoramentos introduzidos por Miguel Teixeira Soares de Sousa (1824-1894). A este rico, culto e requintado morgado, que chegou a presidir à Câmara das Velas, dever-se-ão, à maneira de outras propriedades insulares da época romântica, as altíssimas araucárias que assinalam a quinta na paisagem jorgense e o toque exótico da esguia palmeira que se ergue na antiga zona de jardim.

Este segundo Miguel teve um notável irmão, João Teixeira Soares de Sousa (†1875), «varão de talento e de saber» (Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*), nascido na casa dos Terreiros a 12 de Setembro de 1827. Depois de cursar em Coimbra, em paralelo com a sua atividade política (foi eleito deputado), João Teixeira dedicou-se ao estudo da história, genealogias e tradições açorianas, em particular das jorgenses, recolhendo o romanceiro da sua ilha para Almeida Garrett, que não viveu para aproveitar esse trabalho, e, depois, para Teófilo Braga, publicando intensamente na imprensa local.

O herdeiro do segundo Miguel Teixeira seria outro Miguel, filho do seu irmão José Soares Teixeira de Sousa (1826-1885) e de sua mulher, Isabel Beatriz de Azevedo Pereira e Sousa (1837-1921), bisneta do sargento-mor António Silveira e Ávila, que mandou construir a Casa e Ermida de nossa Senhora dos Milagres, na Ribeira Seca. Isabel Beatriz foi agraciada por Decreto Real de 25/10/1894 com o título de Viscondessa de São Mateus. O terceiro Miguel Teixeira (1864-1940) cedo perdeu a plena posse das faculdades mentais, nunca as tendo recuperado.

Por decisão testamentária da Viscondessa, foram as suas sobrinhas que herdaram o património de Miguel Teixeira. As sobrinhas eram filhas da irmã da Viscondessa, Maria Doroteia, e de seu marido José Acácio da Silveira Moniz do Canto e Noronha, também ele bisneto de António Silveira e Ávila. A quinta dos Terreiros coube à sobrinha mais velha, Vitória Beatriz de Noronha, bisavó dos atuais proprietários.

Colou-se de tal forma à quinta a memória dos anos passados sob a alçada da personalidade forte da mãe do terceiro Miguel Teixeira que é ainda hoje conhecida na região como o Solar da *Viscondessa*.

www.cabanasdaviscondessa.com

RECITAL DE ÓRGÃO

Igreja Matriz de Santa Catarina, Calheta
José Carlos Araújo, órgão

PROGRAMA

Fr. Jerónimo da Madre de Deus (ca. 1714-post 1768)

Cinco versos do 5.º tom

Giuseppe de Porcaris (1698-1772)

Toccata em Lá menor

Antonino Reggio (1725- ca. 1800)

Sonata em Lá maior, Hr. 52

Sonata em Ré maior, Hr. 56 (*andante assai – allegro*)

Domenico Cimarosa (1749-1801)

Sonata em Sol menor, C. 72 (*poco allegro*)

Sonata em Sol menor, C. 33 (*moderato*)

Sonata em Lá menor, R. 55 (*siciliano*)

Sonata em Dó maior, R. 56 (*allegro*)

Domenico Scarlatti (1685-1757)

Sonata em Mi menor, K. 263

Sonata em Sol maior, K. 328

Carlos de Seixas (1704-1742)

Sonata em Dó maior, K. 7 (*allegro – minuete*)

Sonata em Dó menor, K. 12

Anónimo (ca. 1775)

Tocata para Corneta, Voz humana e Fagote de mão esquerda (Lisboa: Biblioteca Nacional)

José Lidón (1748-1827)

Preludio: magestuoso

Partido de Llenos de ambas manos

Sonata de primer tono para órgano con Trompeta Real

José Carlos Araújo, órgão

Apontado como «um dos mais importantes intérpretes portugueses da actualidade» (*Jornal de Letras*), José Carlos Araújo tem desenvolvido o seu trabalho sobretudo em torno da música para tecla de autores ibéricos do período barroco e, muito particularmente, da obra de Carlos Seixas.

Em Lisboa, estudou instrumentos históricos de tecla, baixo contínuo e interpretação de música antiga. Cedo influenciado pelas perspectivas interpretativas reveladas por Cremilde Rosado Fernandes e José Luis González Uriol, a oportunidade de trabalhar, mais tarde, com ambos estes mestres viria a informar de forma acentuada a sua abordagem à música para instrumentos de tecla do Sul da Europa. A parte mais importante da actividade artística que mantém consiste em recitais em instrumentos históricos (órgão, cravo, clavicórdio e pianoforte), dedicando-se frequentemente a repertórios pouco explorados dos séculos XVII e XVIII.

Colaborou com o Teatro da Cornucópia n'A *Tempestade* de Shakespeare, sob a direcção de Luís Miguel Cintra. Tocou com as principais orquestras portuguesas, sendo com a orquestra barroca Divino Sospiro que mais tem vindo a trabalhar e com a qual realizou numerosas estreias modernas de obras do séc. XVIII e gravou música sacra de García Fajer e José Joaquim dos Santos para a editora suíça *Pan Classics* (2019).

José Carlos Araújo dedicou-se ainda ocasionalmente à música para órgão e cravo de autores do séc. XX, em particular Luiz de Freitas Branco, Armando José Fernandes e Clotilde Rosa, que tocou com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Ensemble MPMP.

Gravou para a RTP e para a Antena 2. Em 2004, foram-lhe atribuídos o Primeiro Prémio e o Prémio do Público do Concurso *Carlos Seixas*, pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Iniciou a colecção discográfica *Melographia Portuguesa* (MPMP) em 2012, com os primeiros CDs da gravação integral da obra para tecla de Carlos Seixas em instrumentos históricos. No Museu Nacional da Música, realizou os concertos inaugurais do pianoforte de H. van Casteel (1763) e do cravo de J. Baptista Antunes (1789), após os restauros (em 2013 e 2018, respectivamente), o último dos quais em duo com F. Miguel Jalôto.

Licenciou-se em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa, de cujo Centro de Estudos Clássicos é investigador e onde tem vindo a trabalhar na tradução e estudo de autores gregos e latinos. Colabora regularmente em *Euphrosyne – Revista de Filologia Clássica*. Actualmente é director da revista musical *Glosas*.

CONCURSO DE PINTURA À *DESCOBERTA DA ARTE*

O concurso de pintura À Descoberta da Arte é uma iniciativa cultural do ACROARTE em parceria com a Ouvidoria de S. Jorge e tem como objetivo incentivar a criatividade dos jovens artistas da Região Autónoma dos Açores na área da pintura sobre tela. Os trabalhos apresentados terão de ser relacionados com a arquitetura religiosa (igrejas, impérios, conventos, etc.). O júri deste concurso é composto por Pieter Adriaans, José Pedro Almeida e António Pedroso.

PRÉMIOS

1.º PRÉMIO: Bill Red

2.º PRÉMIO: Jan Bardos

JÚRI

Pieter Adriaans

Pieter Adriaans é filósofo, artista plástico e músico. É professor de “Learning and Adaptive Systems” (Aprendizagem e Sistemas Adaptativos) na Universidade de Amesterdão. Foi editor do *Elsevier’s Handbook of Philosophy of Information* (manual de filosofia da informação), tendo publicado em 2012 *Schilderen voor het brein* (pintura para o cérebro), um estudo exploratório sobre as fundamentações teóricas da pintura em perspetiva na teoria da informação. Adriaans reside atualmente na ilha de São Jorge onde, com a sua esposa Rini, dirigem o centro cultural Atelier de Kaasfabriek.

José Pedro Almeida

José Pedro Santos é natural de Oliveira de Azeméis, Aveiro, Portugal. Exerce atividade profissional como conservador restaurador de bens culturais, tendo estudado na Universidade Portucalense e Universidade Católica, e também como artista plástico autodidata, com a realização de trabalhos de pintura baseados em técnicas clássicas de representação. Criado num ambiente de criação artística, o contacto com as obras de arte despertou em José Santos a admiração pelo artista, a sensibilidade e o gosto pelas artes.

Demonstrando desde cedo tendência para o desenho e para a pintura, inicia o estudo da pintura em 2008. O início na pintura é marcado por trabalhos de influência surrealista, mas, a necessidade de maturação na pintura o leva rapidamente à pintura clássica, sendo percursor no seu estudo e na recriação dos processos e técnicas clássicas de pintura.

Tem por influências os pintores portugueses Henrique Medina e António Macedo como também os norte-americanos John Singer Sargent, Teresa Oaxaca e Jacob Collins, entre outros.

Em 2011 participa na II Edição «*Entr`Artes*» em Oliveira de Azeméis.

Em 2013 participa na exposição evocativa do Bispo Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina, com retrato a óleo do homenageado com a presença de D. João Lavrador.

Em 2015 foi, como conservador-restaurador, colaborador da empresa *Arte Douro* e em 2016 do *Atelier de Obras de Arte da ilha de São Jorge*.

Em 2017 é inaugurada uma *Via Sacra* e, em abril de 2018, *O Baptismo do Senhor*, obra composta por duas grandes telas que cobrem as paredes do batistério, pinturas encomendadas para a nova Igreja da Paróquia dos Flamengos, na Ilha do Faial.

Também no ano de 2018 são inauguradas quatro telas na Igreja da Paróquia de São Tiago de Lanhoso, Braga, com os temas eucarísticos: *O Sacrifício de Isac*, *O milagre do Maná*, *O milagre da multiplicação dos pães*, *As bodas de Caná*, para o teto da capela-mor.

Executou também réplicas entre as quais, pinturas portuguesas do séc. XVII/ XVIII para a Misericórdia de Vila do Conde.

Participou na I Bienal de Arte Sacra Contemporânea de Braga na qual teve a atribuição de uma Menção Honrosa à sua obra *Santíssima Trindade* por parte da Comissão de Honra e Júri, tendo sido convidado a participar na II edição.

Integrou a equipa de conservadores responsáveis pela intervenção do retábulo-mor da Catedral Basílica de *Santa Maria La Antigua*, na Cidade do Panamá, Património Mundial da Unesco, no qual fez a total reintegração cromática da tela do altar-mor de Nossa Senhora da Assunção e da tela de Nossa Senhora do Rosário, atribuída ao pintor espanhol *Murillo*, presente na sacristia.

António Pedroso

António Oldemiro das Neves Pedroso nasceu a 7 de Janeiro de 1968 na freguesia de Norte Grande – Ilha de S. Jorge. Desde cedo manifestou Interesse pela pintura e pela música, sendo a sua primeira professora a própria mãe – Organista da Igreja de Norte Grande que lhe ensinou as bases da música e o incentivou a dedicar-se ao desenho e mais tarde á pintura. Durante os seus estudos na Horta para além de

organista da respetiva Igreja da Horta frequentou o Museu de Miolo de figueira durante algum tempo, e começou a pintar a óleo. Em 1985 e a convite da Câmara Municipal da Horta fez a sua primeira exposição aquando da Semana do Mar. Em 1986 termina os estudos Secundários e começa a trabalhar na Estalagem das Velas, onde permanece até 1997- como diretor desta unidade Hoteleira. Em 1986, 1987 e 1990 expôs na Vila das Velas -S. Jorge quer na Regata Horta – Velas – Horta quer também na Semana Cultural. Em 1988 frequentou o instituto “Lorenzo di Medici” na cidade de Florença onde fez um curso de restauro. Lecionou como professor provisório na Escola Básica das Velas durante 5 anos a disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Em 1994 frequentou um curso de gravura ministrado pelo professor Bartolomeu Cid na Oficina de Angra. Em 1995 frequenta um curso de cerâmica, ministrado pelo ceramista Luís Santos. Em 2000 realiza o curso de formação para formadores. Leciona durante 2 anos na Escola Profissional da ilha de S. Jorge as disciplinas de Artes e ofícios tradicionais e turismo.

Em 2000 a convite da Câmara Municipal da Calheta S. Jorge, expôs durante o festival de Julho, sobre a temática a vida selvagem com particular relevo para os golfinhos tema que tem vindo a desenvolver nos últimos tempos. Durante 2001 expôs na Galeria de Arte da Câmara Municipal de Ponta Delgada e também na cidade da Ribeira Grande. Em Julho 2001 expôs na Caixa Económica da Santa Casa da Misericórdia em Velas no decorrer da Semana Cultural. Em Agosto 2001 expôs em Sousel durante um intercâmbio cultural. No decorrer de 2001 e 2002 foi formador de cursos de iniciação a pintura para jovens, em colaboração com Associação da Juventude de S. Jorge e a Direção Regional da Juventude dos Açores. Ao pretender prestar um modesto contributo na divulgação turística de S. Jorge apresentou a 3 de Julho de 2002 uma coleção de postais, reproduções de telas suas com paisagem da Ilha associada ao mundo subaquático. Em 2002 Exposição em Velas durante a Semana Cultural de Velas. Em 2002 Exposição na Calheta durante o Festival de Julho. Em 2002 edita o livro infantil “O Golfinho Tomás não olhou para trás”. Em 2003 exposição na Praia da Vitoria na Galeria Praia Smile. Em 2003 edita o Livro infantil “O golfinho Tomás Sabe o que faz”. Em 2004 escreve o texto do livro “A Igreja de Santa Barbara”.

Em 2004 abre um espaço de alojamento turístico “A Casa do António”. Em 2003, 2004, 2005 edita coleções de postais com pinturas da sua autoria sob o tema “Natal Açoreano”. Em 2005 abre uma olaria e um estúdio cerâmico para a realização de azulejos e trabalhos em barro. Em 2005 exposição de Pintura “Técnica Mista” Museu de S. Jorge. Em 2006 Exposição de Pintura na galeria “Espaço +”. Em 2006 Exposição de Azulejos no Museu de S. Jorge. Em 2008 exposição de cerâmica nos Paços do Concelho de Velas. Em 2009 Exposição de cerâmica nos Paços do Concelho de Velas.

Em 2012 iniciou a realização de caricaturas tendo exposto nas ilhas de S. Miguel, Terceira e S. Jorge.

É agente de viagens de profissão e a pintura e a música faz parte da ocupação dos tempos livres. É deputado Regional da Assembleia Legislativa dos Açores desde 2012.



Promovido por

ACROARTE[®]

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

"Existimos para dar futuro ao passado"

em parceria com

OUVIDORIA DE SÃO JORGE

Apoio



CABANAS
da
VISCONDESSA

SOLAR
Família Teixeira
TERREIROS



ACORES
pousadas
de juventude

ISBN 978-989-20-9416-8



9 789892 094168